



ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA ADELIA APARECIDA DE SOUZA*

1 - Expressões Geográficas: Professora, como se deu sua aproximação com a Geografia?

Maria Adélia Aparecida de Souza: Ela se deu por uma inquietação que eu sempre tive, desde menina, para descobrir o que é o mundo, porque o mundo existe; e tive a sorte de ter um excelente professor de Geografia, naquele tempo, no curso ginásial e no científico — que seria correspondente hoje ao ensino fundamental e ao ensino médio —, Prof. Romeu Meneses Cabral, que não era formado em Geografia mas era um mestre da Geografia. Ele me ajudou muito a aprumar-me nesse caminhar. Quando menina eu sempre tive uma preocupação com o mundo, em saber o que o mundo é, o que a gente faz no mundo, porque que ele é de uma maneira ou de outra e, ligado a isso, um imaginário infantil de busca de justiça; e eu era fascinada pelos filmes de cenas de julgamento e o papel do juiz tanto que a minha primeira intenção era fazer o curso de Direito. Mas a minha mãe, que era farmacêutica, interferiu e me disse na época que o curso de Direito não era um curso interessante porque, num país como o nosso, o exercício do Direito era muito cerceado pelo poder das classes e que eu então me aborreceria muito se fosse advogada e juíza. Que eu achasse um outro caminho para a minha vida!; e, assim, estimulada pelo professor Romeu, consegui achar este outro caminho que é bem mais bonito e interessante do que o do Direito e no qual posso fazer a mesma coisa.

2 - E. G.: Nós temos uma geração de geógrafos brasileiros que muito nos orgulha, para mencionar alguns nomes: Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Aziz Ab 'Saber, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Manoel Correia de Andrade, Armen Mamigonian, Maria Adélia de Souza, entre outros. Em sua opinião, quem são os novos nomes promissores da Geografia brasileira que estão surgindo, que Geografia eles estão produzindo, em suma, quem são os geógrafos e qual a Geografia do Brasil na atualidade?

M. A.: Primeiramente eu preciso fazer uma correção: a Maria Adélia de Souza que está aí nesse grupo foi discípula desse grupo. Muito me honra comparecer com eles mas eu tive o privilégio de ser aluna do Prof. Aziz no meu primeiro ano de

* Quero aqui fazer um agradecimento muito especial a geógrafa campineira Eneida Ramalho de Paula, colega generosa que leu e corrigiu eventuais deslises semânticos e ortográficos desta entrevistada.

faculdade, um jovem recém- doutor e que dava aula lá na Geografia da USP. Inclusive, estimulada por ele, durante muitos anos da minha vida achei que eu ia fazer Geomorfologia, tal era o encantamento das aulas do professor Aziz. E os outros — eu lia Manoel Correia, lia Milton —, acabei encontrando-me com eles fora do Brasil, em 1963/64, na França, tornando-me amiga deles e discípula, pois, quando os conheci, eles já tinham uma obra feita e eu era uma jovem de 22 anos que estava em Paris buscando uma formação melhor na Geografia. Roberto é mais contemporâneo meu, Roberto Lobato, sem dúvida nenhuma um grande geógrafo brasileiro. Eu considero um privilégio ter sido companheira, colega, discípula desses nomes. Eles e outros; acho que há outros nomes que merecem figurar nessa galeria e que, mesmo fazendo Geografias de outra natureza e de outro tipo, ajudaram a construir a Geografia brasileira. Eu me lembraria do casal Nilo e Lisa Bernardes, que foram geógrafos atuantes, dinâmicos e muito importantes na consolidação da velha escola de Geografia brasileira; o próprio Esperidião Faissol, todos esses do IBGE. O IBGE, até os anos 70, tinha um grupo de geógrafos e é de lá que vai sair Roberto Lobato, Maurício Abreu, Maria do Carmo Galvão, que é uma geógrafa de primeiríssima mão a qual também, acho, deva figurar nessa galeria. E Pedro Geiger, Fany Davidovtch, Berta Bechker! A USP não produziu bons geógrafos, por incrível que pareça. Exceto o Prof. Aziz, penso que os outros não se destacaram porque também não deixaram nada, não deixaram uma obra nem como escola e discípulos e, também, deixaram muito pouca coisa escrita. Alguns foram sim, grandes professores e que me marcaram por suas aulas, seus esforços, sua dedicação ao Departamento. Falo do Prof. Pascoale Petrone, Lea Goldenstein, João Dias da Silveira, Diva Pinho, Elina de Oliveira Santos, e claro, o genial Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que não é paulista mas dignificou a geografia da USP durante os longos anos em que nos honrou com sua presença. Há também que mencionar meu saudoso amigo e colega Armando Correa da Silva, que sempre esteve na frente de todos e pagando caro pela sua ousadia epistemológica! O Prof. Aroldo de Azevedo, que era um autor de livro didático do ensino fundamental, liderou o curso de Geografia durante muitos anos, não fez escola, e, da mesma forma, nem as pessoas que trabalhavam naquele momento e eram discípulos diretos dos franceses que criaram a Geografia da USP. O Prof. Pierre Mombeig, que foi meu orientador de doutorado, no início, e que é fundador do Curso de Geografia, tem uma obra belíssima e imbatível que se chama: “Pioneiros e Plantadores do Estado de São Paulo”, é uma obra prima da velha Geografia lablachiana; mas, se você pegar os outros professores desses últimos tempos lá na USP, não tem ninguém com a expressão do Manoel Correia, com a expressão de Milton Santos, de Mário Lacerda de Melo, outro grande geógrafo nordestino, um senhor conservador e tudo — mas não importa! — cujos textos de Geografia produzidos são preciosidades daqueles tempos. Claro que, depois dessa escola, o regime militar coibiu o surgimento de novas coisas porque a Geografia foi muito sensível ao ataque do regime militar. Nós começávamos, em 1964, uma AGB pujante, fazendo relatórios que tornavam o nosso país conhecido do ponto de vista científico que, aliados à Geografia mais oficial que se fazia no IBGE, geravam uma polêmica muito interessante; e muitos desses professores, especialmente Milton e Manoel Correia, que eram lideranças incontestes nesse movimento da Geografia brasileira, foram presos, foram cassados e tudo o mais. Os outros não,

ficaram por aqui, mas também não conseguiram produzir nenhuma coisa tão ampla e profunda como Milton e Manoel Correia, eu acho. Mesmo no Rio de Janeiro os geógrafos produziram trabalhos, e eu citei os nomes deles, mas era mais uma Geografia ligada ao IBGE, uma Geografia oficial que tinha uma outra característica. Agora, Milton e Manoel não, eram geógrafos soltos, professores da universidade que procuravam fazer reflexões profundas. Penso que depois haja uma ruptura que vá começar a desabrochar na reunião de Fortaleza, em que se fundou a nova AGB, em 1978, e que ali o Milton, e a liderança que ele teve naquela reunião, comecem a reorganizar as figuras na época emergentes, os jovens emergentes, onde se destacava o Rui [Moreira], lá do Rio; na USP, provavelmente, os discípulos do Armando Corrêa da Silva, que considero ser um geógrafo que tenha de figurar também nessa galeria, que foi um incompreendido — acho que nós temos um débito muito grande com o Armando —, o que talvez pudesse surgir de novo na Geografia, e quando digo novo é uma Geografia bem aderente à compreensão das dinâmicas do mundo do presente, eu penso que sairia com o Milton, realmente. Não vejo outra possibilidade. Mesmo jovens e promissores geógrafos, que eram discípulos do Armando, conforme eu estava dizendo, como foi o caso do Wanderley Messias da Costa, do Antônio Carlos Robert de Moraes e dos alunos que eles foram tendo por aí afora, não vingaram como uma nova escola geográfica. São grupos que pesquisam intensamente, mas não fizeram escola. Não sei porque esse processo não vingou. Os outros colegas meus, que têm alunos distribuídos pelos quatro cantos do Brasil, como o Ariovaldo Umbelino de Oliveira ou a Ana Fany, o que eles fazem não é Geografia, eles fazem um discurso político, militante ou uma geografia amulexada, sem necessidade, na Antropologia, na Semiótica, na literatura. O Milton chamava isso de Geografia militante e eu chamo de geografia com objeto difuso, melhor dizendo, sem objeto. Se você ler o trabalho deles verá que possui uma epistemologia ligada a uma outra disciplina, à Sociologia, à Economia Política, a Antropologia, a Semiótica, a Literatura, porém bastante frágil; de geográfico mesmo nessa concepção — claro que estou fazendo estas observações a partir daquilo que eu entendo venha a ser Geografia — não vejo o que eles fazem como um trabalho que ajude a nossa disciplina a avançar. E Milton deixou pouquíssimos alunos porque ele começa a orientar quando entra na USP, pois, até então, sua carreira fora muito interrompida. Milton foi preso político, esteve na Tanzânia, na Venezuela, nos EUA e nunca conseguiu construir uma escola. Ele vai começá-la na USP, onde, todavia, ficou muito pouco tempo. Porque a USP, daqueles a quem ela não quer, ela judia, ela é terrível! Nós tínhamos de ficar quatro anos... mesmo com título de doutor — bem, se você for amigo do rei não tem problema nenhum, no dia seguinte você passa a orientar mestrado e doutorado. Agora, não sendo amigo do rei você tem de ficar quatro anos, como se fosse numa incubadora, pra começar a orientar —. Então, Milton morre deixando quatro, cinco doutores, que não tiveram sequer tempo de assimilar sua obra, porque ele publica o Natureza do Espaço — que eu considero a grande síntese do seu pensamento — em 1996, e, morre em 2000 (2001?). Então, mesmo as pessoas que fizeram mestrado e doutorado com ele e que se esforçam para compreendê-lo, não tiveram tempo para assimilar essas coisas. E, nesse sentido, eu sempre lhe dizia: — “se você pegar as teses que eu produzi com os meus alunos, da década de 80”... (de 1982, quando ele chega na USP, até 2000) — são praticamente 18 anos de trabalho, e

eu gostaria de que vocês fossem ver as teses do Ricardo Castilho, do Ricardo Mendes, do Ewerton Machado, elas são muito mais miltonianas, naquele momento, do que as teses dos alunos do próprio Milton —. E ele morria de rir! Porque eu sabia ler e ensinar sobre a obra dele mais do que ele; é uma contradição, porque ele não se via, ele já sabia o que estava dizendo. E Milton brincava muito comigo, tanto é que, isso também pode ser comprovado se vocês forem olhar a maioria das minhas bancas, ele estava lá para me ajudar a avaliar, corrigir os rumos, numa parceria intelectual privilegiada que meus alunos e eu, e os alunos dele, tivemos nesse momento.

3 - E. G.: Qual a importância do conceito de formação sócio-espacial para a compreensão das realidades locais e da inter-relação entre elas?

M. A: Eu acho que esse conceito de formação sócio-espacial – que é um conceito de Milton, criado e publicado quando ele estava exilado nos EUA, e o primeiro texto sobre isso saiu em inglês, em 1974, na Antípoda, que foi a revista de Geografia Crítica que ele criou com Richard Peet – é um conceito primoroso pela leitura dinâmica que ele vai fazer inicialmente do conceito de formação econômica e social que vem do Marx e, na seqüência, a agregação da visão espacial, porque ele entendia o espaço como instância social. Então, Milton não vai mais falar de formação econômica e social, mas, cria o conceito de formação sócio-espacial para explicitar as particularidades do modo de produção numa dada sociedade. O conceito de formação sócio-espacial aplica-se ao conceito de território nacional. Você não pode aplicar o conceito de formação sócio-espacial a uma região metropolitana ou a uma cidade. O que você pode é dizer que na formação sócio-espacial tem-se intensidades do movimento da história maiores ou menores. Nas regiões metropolitanas ele é mais intenso e mais ágil. Na região metropolitana de São Paulo, claro que a velocidade dos eventos, como diria ele, que vêm do mundo e que entram na formação sócio-espacial brasileira, vão aqui, esses eventos, influenciar a formação sócio-espacial e serão também influenciados por ela. Então, é esse movimento do mundo que entra e depois sai transformado, porque o mundo está girando, as coisas não morrem na formação sócio-espacial. Todo mundo tem uma responsabilidade na história mundial. Claro que, na sociedade brasileira, expressa pelo sistema de poder e pelo sistema de governo, hoje, é o presidente Lula quem vai fazer as negociações internacionais e que nos representa. E o mundo se dá dessa maneira. Entra, como evento, uma modernização, e sai de outro jeito, porque nós somos influenciados pelas modernizações mas nós também as influenciemos. Criticamos e devolvemos, e, é esse movimento permanente da totalidade que é reciclado a cada vez pelas sociedades locais, nacionais, que Milton vai chamar de formação sócio-espacial. E por que podemos advogar esta tese, nós, os geógrafos? Porque a Geografia se dá e se faz através, principalmente, da observação dos sistemas de objetos, que são formas; e as modernizações são sempre formais: ou elas trazem uma forma nova ou utilizam as formas pré-existentes para se realizarem. Elas vêm como sistema de ação mas precisam do objeto, então usam o objeto existente. Se você tem uma inovação na indústria você não vai construir uma planta industrial nova; usa-se a mesma planta industrial, a mesma forma, e você recicla, requalifica algum elemento lá dentro. Por isso que Milton diz: — “quando você vai estudar o

espaço não pode só pegar a forma; você tem de pegar também a função, a estrutura e o processo”. Um deles vai realizar esse evento da modernização. E nas formações sócio-espaciais você vai ter uma releitura cultural, vamos dizer assim, social e nacional do evento, antes que ele saia; quando ele sai já sai renovado. Tudo é assim porque o mundo está em permanente movimento. Agora, como é que você faria para estudar essas coisas? E como é que nós diríamos que a sociedade brasileira produz um espaço específico na leitura do grande espaço mundial? É pela requalificação do território, pelo uso que será atribuído às formas por esse sistema de ação. Por isso que eu acho genial esse conceito de formação sócio-espacial, porque ela é quem me permite dizer que aqui as coisas chegam, são requalificadas, relidas, transformadas antes de serem devolvidas ao mundo. Isso acontece com todas as formações sócio-espaciais, o que é sinônimo, na obra miltoniana, de estado-nação e de território nacional.

4 - E. G.: Pelo que entendemos, na sua aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFSC, em abril de 2006, a senhora falou que o período popular da história pode ser entendido como o da possibilidade do mundo atual dispor de informação em qualquer lugar para, de posse dela, definir estratégias de resistência. Gostaríamos de que a professora comentasse sobre a dinâmica dos grupos de resistência ocorrentes no território brasileiro e apontasse algumas possibilidades que se concretizam através da luta desses atores sociais.

M. A.: Eu vou dizer uma coisa bem séria agora: — “eu acho que — e era essa a opinião do Milton pois eu o vi várias vezes conversar com lideranças de movimentos sociais nacionais importantes como os Sem-Teto, os Sem-Terra... — é uma pena que esses movimentos resistam muito a entender um pouquinho da Geografia que fazemos, ou seja, de efetivamente incorporar o território usado como uma categoria social de análise. A Geografia que eles fazem, que eles utilizam — e eu estou até com uma menina fazendo um doutorado sobre isso — é uma Geografia muito velha e descritiva; e é uma pena, porque qualquer movimento social mereceria ter um excelente curso de Geografia, caso, por exemplo, do MST. É uma pena que os geógrafos do MST não sejam miltonianos. Eu disse isso ao João Pedro Stédile, disse também ao Gilmar Mauro que é da coordenação nacional do MST e muito meu amigo. O MST andou convidando-me para dar uns cursos na escola que eles têm aqui no estado de São Paulo, situada em Caieiras. Eu fui dar dois cursos e depois nunca mais fui chamada. Da Escola Nacional de Formação Florestan Fernandes eu não cheguei nem perto, acho que não vou chegar nunca, mas, paciência... Eles me convidam para festas mas não me convidam para os cursos. Como não sou festeira e sou professora, eu não vou às festas e também não dou cursos, é uma pena. Mas penso que eles lucrariam muito porque, o que está acontecendo? E esta foi a crítica que eu fiz quando participei de uma mesa com o Gilmar: como todas as instituições importantes eles estão se deixando cooptar pelas metáforas. Então, eu acho triste ver uma liderança do MST como o Gilmar, por exemplo, falar em sustentabilidade, inclusão, segurança alimentar... Não pode! Esses conceitos não se aplicam a movimentos sociais revolucionários como eu acho que o MST é. E este vai desgastar-se porque tudo aquilo que não é legitimamente constituído, corretamente constituído, tende a se desgastar. Então eu ficava muito preocupada

e nos meus cursos eu o dizia, e criava um *frisson* na platéia, porque o MST é como o PT: tem várias facções. E, alguns, ficavam muito irritados comigo, mas, eu dizia: – “não adianta você se irritar, você tem de contra-argumentar. Eu acho que vocês estão aderindo a conceitos que não lhes vão servir pra nada, porque não existem”. Aquilo que não existe na realidade concreta não presta pra nada, é ideologia e você tem de transformar a realidade e, não, ficar brigando com a outra ideologia. Você precisa ter a sua a partir do olhar que você tem sobre a realidade. Eu acho que o conceito de sustentabilidade não ajuda em nada, mesmo porque, ele não existe. Muito pelo contrário, nós vamos ter de aprender a conviver com aquilo que é real que é a insustentabilidade, porque tudo está em movimento. Como é que você vai querer falar em sustentabilidade? E a coisa, também, da inclusão; eu acho cínico, acho uma pobreza alguém que se diz de esquerda, o PT, por exemplo, abraçar – como abraçou – a bandeira da inclusão. Você vai falar de inclusão, fazer política, as chamadas políticas públicas, como se o Estado pudesse fazer outro tipo de política!... É para separar as públicas das outras que não são públicas? O Estado só faz política pública, ou deveria fazer mas não faz; então admita que não faz. Este rigor é que a gente tem de ter e não ficar com esse “blá blá blá”, repetindo uma baboseira. Você vai falar de inclusão no capitalismo se ele é excludente na sua essência? Então você vai falar de política de inclusão no Brasil, nos EUA, na França... O que é isso? Vão ser cínicos lá longe! Aí eles ficam nervosos comigo. Então eu penso que os movimentos sociais avançariam mais se os geógrafos se preparassem melhor pra ir assessorar os movimentos sociais e, nesse sentido, eu sugiro que leiam a obra do Milton, e avançariam. Porque a proposta que contém essa obra é revolucionária por razões muito simples: primeiro, incorpora a dinâmica como um dos seus atributos, tudo está em movimento; segundo, a idéia de totalidade, e essa idéia de dinâmica e totalidade é dinâmica pelo conflito dos contrários, e, portanto, ela é dialética na sua essência. Agora, se isso não é compreendido assim e as pessoas ainda entendam que a Geografia se faz através da compreensão do espaço como palco e que, aí, as coisas aconteçam, você limpa as coisas e fica o quê? Você tem um terreno construído por um mocambo; você tira o mocambo e faz um edifício; você vai me dizer que aquele espaço é palco? E a valorização? E a acumulação que se dá com o empreendimento imobiliário, é palco? Poderia falar do exemplo da agricultura, não faz mal... esse valor que é agregado pela refuncionalização do espaço dificilmente volta atrás. A lei das altas acumuladas é uma lei que mereceria ser um pouco mais conhecida pelos jovens urbanos, por exemplo. Então, é uma pena... Para mim a disciplina geográfica é um fundamento da construção cidadã e da democracia. Eu não acredito em governo que se diz democrático e que não incorpora o território e a discussão das desigualdades territoriais como um fundamento das suas políticas. Um governo que continua agindo setorialmente, para mim, é um governo que não mudou nada e que também não vai ajudar em nada a transformação social. Eu acho que o território vivido, o território usado, é aquilo que tem de ser colocado na mesa para que a gente pactue politicamente. Por que aqui tem tudo e aqui não tem nada? O que falta aqui que tem de sobra aqui? A discussão política é: vamos continuar aqui ou vamos trazer pra cá? Ou, como diria o Milton: “nós vamos continuar a iluminar este espaço” – que ele chamava de altas densidades técnicas – “e continuar a deixar esse aqui opaco, sem luz, o espaço dos pobres?” É isso, e isso é política.

Então, a Geografia se aproxima muito da política, essa Geografia nova que ele propõe.

5 - E. G.: Essa crítica se estende também a outros movimentos sociais, tais como o Movimento dos Sem-Teto, ou das favelas, isto é, movimentos sociais eminentemente das cidades?

M. A.: Sim. Eu aprendi com minha amiga e mestra Ana Clara Torres Ribeiro, uma das maiores sociólogas brasileiras hoje, em minha opinião, que os movimentos sociais só tem sentido quando saem de si mesmos, vão para além da sua própria instituição e transformam a realidade social. Os movimentos viraram instituições, as vezes ONGs, até mesmo OSCIPs! Você não vê uma pessoa do Movimento Sem-Teto, ou da favela, deixar de falar em inclusão. E tome escolinha de música, balé e outras *cositas* que são entendidas como processo de inclusão social! Pelo amor de Deus! Inserir poesia... Eu sou muito radical, vocês me desculpem mas não consigo entender. Entendo algumas coisas: se você conduz um menino da favela do Vidigal, que vive na rua sendo avião de traficante, levando *coisa* pra lá e pra cá, que você o coloque em uma escola o dia inteirinho para fazer capoeira, você está ocupando esse menino e tirando-o da rua, ponto. Eu não vejo nenhuma diferença entre isso e o assistencialismo barato que sempre se fez. Você não constrói uma mentalidade nova e uma geração nova só com esse tipo de prática. Agora, quem é que faz essas práticas? São as ONG's, que é outra discussão que nós temos de fazer. O que é uma ONG? Serve a quem? Eu acho que as ONG's, todas elas – e eu não excludo nenhuma – têm um linguajar hegemônico do Banco Mundial. Seria bom fazer uma tese de doutorado na área da lingüística para analisar e perceber o linguajar dos relatórios das ONG's. Porque elas são financiadas por outras ONG's que, por sua vez, são grandes instituições internacionais, muitas delas com sede nos países ricos, em Haia... Eu fui, em nome da Luiza Erundina [ex-prefeita de São Paulo], visitar uma grande ONG que financia vários projetos na América Latina, inclusive um grupo que hoje, no governo Lula, no Ministério das Cidades, manda nesse ministério, que é o pessoal do Polis. Esta é uma ONG que recebe milhões de dólares para fazer o que faz: ensinar lavadeira a lavar roupa, ensinar alguém a fazer Plano Diretor... Com que objetivo? Qual é a metodologia que nós temos hoje pra fazer Plano Diretor? As Universidades sequer discutiram. Quem são esses senhores para, em nome da academia brasileira, falar em Plano Diretor? Eu não dou a eles essa autoridade. Então, é muito complicado; eu acho uma pena. O Fórum Social Mundial, que se pretende ser coisa séria – e eu acho até que pode ser – apresenta-se com muitas mesas e atividades que são reprodução da ideologia do Banco Mundial. O palestrante fala em sustentabilidade... Boa Ventura de Souza Santos fala em sustentabilidade, basta ler os artigos que ele publica. Você vai dizer: – “a senhora é bacana”. Não sou não, tenho muito a aprender mas eu sou atenta. Você não vai ver um texto meu com esses conceitos e significados. Meu texto pode ser até pobre, pode não estar moderno, mas eu não me deixo embarcar, como cientista, uma intelectual amadora que ainda sou – preciso crescer muito –, mas, não me deixo embarcar em conceitos metafóricos. Penso que a formação acadêmica tem de ter, no mínimo, essa dignidade, senão, o que a gente vai fazer aqui? E o único jeito de você se manter vigilante é tendo um espírito crítico e procurando

verticalizar na sua disciplina, saber o que você diz e saber o que você ensina. Eu procuro ser geógrafa, não quero ser mais nada; se eu consigo ser uma boa geógrafa já estou muito contente. É uma pena! Vocês podem pesquisar e ver como esses movimentos estão todos recortados por essas palavras ditadas pelos manuais do Banco Mundial: segurança alimentar, sustentabilidade, inclusão/exclusão e outras. Para mim não querem dizer nada, eu não uso.

6 - E. G.: E a senhora percebe algum ponto de ruptura na ação desses grupos, do MST, que seria o mais expressivo desses movimentos?

M. A.: Acho que eles patinam, eles não fazem avançar o movimento social. O MST tem picos de avanços, aí ele pára um pouco, daqui a pouco ele avança de novo... Porque eu não vejo o MST funcionando só pelas suas radicalidades, as quais eu entendo, ou seja, pelas ocupações que são radicalidades do movimento, que são eventos tensos. Eu estou com uma aluna estudando o que se ensina nas escolas do MST: é uma tristeza! Há um princípio de Paulo Freire... – e mesmo o Paulo Freire precisa ser atualizado pois já faz 40, 50 anos que ele propôs a pedagogia do oprimido. O oprimido de 50 anos atrás não é o de hoje, então, tem-se de fazer essa releitura. Foi o que Milton fez com a Geografia. O Milton não inventou nada, nenhum conceito novo, ele releu aqueles de sempre: espaço geográfico, território, região e lugar, mas, ele atualizou essa compreensão. Eu estou lá com a minha aluna cobrando-lhe insistentemente os programas de Geografia. Eu sou geógrafa, não vou ver os programas de português, nem de história, etc., quero ver os programas de Geografia. É lamentável! Perder uma chance dentro de um movimento revolucionário importantíssimo de se ensinar sobre o território brasileiro. A leitura, através da obra miltoniana, que a gente faz do Brasil não é a mesma interpretação que o MST tem do uso do território porque os geógrafos que lá estão não têm essa visão. Eles têm todo o direito de ter outra visão mas eu polemizo com eles e, inclusive, já falei várias vezes com Bernardo Mançano, que é um grande consultor e dedica boa parte da sua vida, generosamente, ao MST: é uma pena que eles não leiam o Milton. Bernardo é um menino bem intencionado, é esforçado mas ainda faz uma Geografia que é uma militância política, um texto político vazio, que se desatualiza porque a ideologia muda a cada hora. Pergunte a um petista hoje se ele pensa igual há quatro anos... Com todo o respeito que merecem não podem pensar porque o mundo muda e a gente tem de estar *aggiornato*, como dizem os italianos. E isso acontece, penso, porque eles não perceberam o período popular da história, que está fundamentado numa possibilidade de comunicação pois, a informação, chega hoje em todos os lugares em tempo real. Isso é uma coisa e, a outra coisa, é a possibilidade de você pegar essa informação e se comunicar. Comunicar-se é fazer política, é trocar a informação. Eu a tenho, passo para você, você passa para mim a que possui e eu vou usar essa informação. Para quê? Para buscar o poder, seja o meu pessoal ou do meu coletivo ou ainda para montar estratégias buscando melhorar minha vida. Antes essas informações não chegavam a todas as pessoas, elas eram muito segmentadas e muito ligadas aos sistemas de poder. Hoje, é muito complicado, porque as pessoas recebem uma quantidade tão grande de informações...mais do que elas processam. Então, nós estamos vivendo numa sociedade política mesmo, de uma nova racionalidade política e

todo mundo a toda hora está recebendo informação. Dessa forma, as estratégias têm de ser diferentes. Eu vou arriscar até um palpite: vocês vão ver o que vai acontecer com o *pobre* do Garotinho com essa greve de fome que está fazendo. O Homem é candidato à Presidência da República e fez uma greve de fome. As pessoas têm informação. Eu não sei qual é a estratégia que ele usou para fazer a greve, uma coisa é o discurso e outra coisa é o que é. O doutor Ulisses Guimarães, que foi um grande político conservador brasileiro, meu grande amigo, com quem eu aprendi muita coisa, dizia-me assim: — “Maria Adélia...” Eu fui filiada ao MDB para combater a ditadura, depois me desfiliei. E quando me desfiliei, muito chateada com o que se tornara o PMDB, fiz uma carta à direção nacional do partido — e Ulisses era o presidente nacional do partido — dizendo: — “não dá, como é que um partido pode ficar desse jeito, eu não vou participar de um negócio desses”. Aí ele me chamou para conversar em sua casa e disse: — “Adélia, eu tenho 50 anos de política, você sabe o que é atividade política? Faz 50 anos que eu engulo sapo; ser político é engolir sapo”. Eu falei: — “bom, eu não tenho esse tipo de estômago, eu não consigo engolir nem uma coxinha, e eu adoro coxinha, quanto mais um sapo. Nunca vou engolir sapo”. E ele continuou: — “na política tem outra coisa que você precisa saber: uma coisa é o fato, mas isso, na política, não importa; o que importa é a versão do fato. Então tudo aquilo que você vê não é”. Aí é difícil! Se você não está na cúpula das coisas você não sabe de nada, você é um brinquedo na mão dos que lá estão. Mas, o período popular já assunta essas coisas; o sujeito pega o outro conchavando... vocês lembram do ministro Ricupero que caiu porque foi gravar um programa na Globo e disse umas coisas em *off*, só que os microfones estavam ligados e ele caiu? E claro que cai. A gente tem a possibilidade de ter essa informação em tempo real e as pessoas a têm. E, no período popular, o mais grave é que os pobres têm um sistema comunicacional que parece que está voltando à antigüidade, que é uma confiança na troca da informação verbal. Se isso não existisse o narcotráfico não teria vida longa. É a confiabilidade da transmissão da informação, da comunicação inter-pessoal, que nós ainda não conseguimos entender e pegar pra gente também, as classes médias, que precisam de cinqüenta mil mediações para dizer que está dizendo a verdade: tem de ter um cartório, tem de registrar, tem de conseguir testemunha... No mundo pobre não, se você falou vai ter de cumprir, porque eu acredito no que você está dizendo. Agora, se você violar o combinado, vai se ver comigo. Essa é a *lei do cão*, essa é a lei das bases. Porque não tem como haver mediação, eles não têm dinheiro para pagar a parafernália da mediação do banco, do cartório... É outro mundo do qual nós não temos conhecimento nenhum. Agora, esse mundo, pautado nesses valores, que eu acho que são valores de integridade, ética, lealdade... valores que a humanidade já teve um dia e que a técnica com a mediação, os Estados modernos, a burocracia e tudo mais, liquidaram... Então a comunicação inter-pessoal agregada do valor da pessoa terá de voltar: não deverá ser necessário registrar em cartório, a gente vai ter de dizer uma coisa e sustentar; o que eu disser a você, você vai ter de acreditar porque sou eu que estou dizendo, e eu carrego na informação que eu lhe passo o meu peso e a minha confiabilidade, porque se eu disser a você uma mentira eu vou me desmoralizar e não haverá mediação entre mim e você. É uma coisa que eu estou destrinchando... E o período popular não se funda no mundo como o período anterior: o técnico-científico-informacional vai se formar na globalização, vai

possibilitam a globalização. E o que é globalização? É a possibilidade que você tem, através do meio técnico-científico-informacional, de estar no mundo e no lugar ao mesmo tempo. O popular só está no lugar, eu e você, eu, você e ele. É a construção das solidariedades orgânicas a partir da sua e da minha palavra, a partir do sistema de comunicação entre as pessoas, e é por isso que ele é um processo resistente. Você imagina se aquelas pessoas que destruíram as torres de Nova York não tivessem confiança um no outro? Eles não escreveram em lugar nenhum a ação deles: — “Somos nós quatro que vamos ter de derrubar as torres, você vai fazer isso, você isso e eu isso, está pactuado entre nós, porque nós recebemos a informação e definimos nosso plano estratégico”, de resistência sim. Não foram os árabes que fizeram aquilo lá? O Islã? Eles acreditam naquilo. E por que eles acreditam naquilo? Porque eles têm dois mil anos de opressão; vocês querem que eles sejam mansos? Ponha dois mil anos de opressão no dorso e quero ver como você vai reagir. E o período popular é isso, ele se fundamenta nas pessoas e nos lugares e é por isso que o lugar, esse espaço do acontecer solidário, presta-se à fundamentação do período popular. Essas solidariedades serão forjadas de outra natureza, a partir de um sistema de comunicação confiável e inter-pessoal. Isso não significa que o homem esteja voltando à idade da caverna não, significa que ele vai fazer uma prática política madura a partir das informações que isso tudo traz a cada um de nós e que nós vamos usar nessa reconstrução do mundo através de uma outra lógica, de uma outra fundamentação, a qual terá de ser, como já é, a política, não a economia. Porque de nada adianta você ter alguma coisa hoje, amanhã, você poderá não ter nada... O mundo como possibilidade: alguém nasce rico e morre pobre, outro nasce pobre e vira rico, pelas possibilidades que o mundo dá; quem vai saber?

7 - E. G.: E quais são os obstáculos a essa mudança política? À perspectiva de um amadurecimento político?

M. A.: Considero que não exista obstáculo. Penso que haja obstáculo para os regimes que aí estão e também para os sistemas presentes atualmente, que estão difíceis de serem desmontados. Eu acredito que haja um movimento inexorável da história, a partir de baixo, que levará ao socialismo; inexorável e inabalável, por conta de tudo que a humanidade plantou. Agora nós chegamos no ápice. Não temos mais o que descobrir para comer. A possibilidade de produção de alimentos está dada. Você faz o diabo com a engenharia genética. Uma coisa que eu acho que a gente também não discutiu direito é o papel da genética na produção de alimentos. A gente já ideologizou. E, como é a Cargill que produz o alimento, a gente é contra o alimento. Não, nós somos contra a Cargill e não contra a produção de alimentos. Eu acho tão oblíqua e pobre essa discussão sobre a engenharia genética na produção de alimentos, a soja produzida geneticamente, o feijão, o milho... O problema não é esse. A não ser que a ciência nos diga que quando você come soja geneticamente produzida isto, de fato, altere ou prejudique a sua saúde. Mas não está dito assim. Então, vamos colocar a discussão direito. A discussão é que as possibilidades criadas pelos cientistas e que deveriam estar a serviço da humanidade passaram a estar a serviço do mercado e de algumas empresas. A discussão é essa, eu acho. Essas coisas me irritam, e eu não quero... Meu negócio é ler o Milton mas fico apavorada pois eu

leio jornais do mundo inteiro para saber o que está acontecendo, não dá para ler só jornais brasileiros. E a discussão das nossas autoridades sobre isso? Agora, eu entendo que você quebre os laboratórios, que a Via Campesina entre na Cargill e quebre a Cargill, eu entendo. Isso é uma ação política radical. Porque aí o foco é a empresa. Agora, peguem os donos e os pesquisadores e mandem produzir alimento e distribuir para o povo, aquilo mesmo que eles pesquisam para vender, mandem distribuir para o povo – dramatizando a argumentação. Mas é isso que nós devemos discutir, não outras coisas; porém para isso você tem de ter uma compreensão da dinâmica do mundo e também ter uma disciplina que o ajude a ler o mundo; eu estou fazendo uma leitura estritamente geográfica do mundo e não política.

8 - E. G.: Como o conceito de horizontalidade pode ajudar na análise desses processos?

M. A.: A horizontalidade pressupõe uma compreensão que você precisa ter da relação entre os lugares. Essas horizontalidades carecem, primeiro, de um grande atributo do espaço que é a contigüidade. O que é o espaço? É, no mínimo, a união entre dois pontos. A contigüidade é um atributo do espaço. E como é que se dá esse espaço do contíguo na Geografia? Na Matemática, na Física, eu não sei o que eles entendem. Pra nós, como é que isso se dá? Antes nós dizíamos, e o Pierre George nos ensinou, que era através da vida de relações; o Milton propõe que a gente entenda as diferentes formas de solidariedade que acontecem no território e algumas delas pressupõem a contigüidade, outras não. Então, se você estuda as solidariedades complementares você precisa desse alargamento territorial que é dado pelo contíguo, pela extensão do plano. Porque o espaço é um plano, não é um ponto, é um plano. Ao passo que, se você pensa nas solidariedades hierárquicas, o acontecer hierárquico, ele pressupõe hierarquia e a hierarquia é pontual, é o conceito de verticalidade. Essa verticalidade se une a uma outra que não precisa ter contigüidade. A Mercedes-Benz tem uma planta industrial no Brasil – e que precisa de uma enorme verticalidade porque os carros da Mercedes têm de ter uma competitividade mundial, senão, eles perdem para a Volks, para a Fiat... –. Essa verticalidade se liga à sede da Mercedes, que eu não sei se é Frankfurt; isso é vertical, não há contigüidade, até porque esse outro lugar não é contíguo a São Paulo, a São Bernardo do Campo. Isso tudo é uma proposta que Milton vai fazer. Agora, as horizontalidades pressupõem a existência do contíguo. Essa contigüidade tanto pode se dar organicamente, pelas solidariedades orgânicas, quanto pelas solidariedades complementares. Portanto, o conceito de horizontalidade é, na visão miltoniana, o fundamento da definição do regional. Você, colocando um limite nessas contigüidades, as solidariedades complementares ou orgânicas, terá de saber o que é uma e o que é outra para buscar no território o que elas expressam, quem são os sujeitos que realizam as solidariedades, ou seja, quem são os sujeitos que realizam o sistema de ações. Porque a anexação do contíguo se dá pelo sistema de ação, pela prática e não por um discurso. Isto significa que há toda uma metodologia de busca de sujeitos, que são os autores do sistema de ação, para explicar os objetos. E não assumir o objeto como se ele não tivesse paternidade, que é o que a Geografia faz; ela descreve uma cidade como se a cidade não fosse um território usado cujo uso é

dados pelos sujeitos, que são os autores do sistema de ação. Que sejam os capitalistas fundiários, os donos da terra, que sejam os capitalistas imobiliários, que sejam os capitalistas financeiros, eles são sujeitos da urbanização e eles têm nome, têm inclusive identidade institucional; é preciso que seus nomes sejam dados. Eu acho que a horizontalidade é um fundamento da construção regional e da construção do espaço contíguo que advém da solidariedade orgânica e da solidariedade organizacional, ou seja, das solidariedades que existem entre as empresas.

9 - E. G.: No evento “Geografia 2001”, realizado em Aracaju, em 1998, a senhora afirmou que “a questão ambiental é uma falsa questão na Geografia”, o que levou o Prof. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro a publicar nos Cadernos Geográficos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC uma reflexão sobre o tema. Como a senhora contextualiza a sua fala naquele momento e como a Geografia Crítica posiciona-se hoje perante os processos mundiais de degradação e proteção dos recursos naturais?

M. A.: Bom, essa discussão é uma discussão que eu tenho com o Prof. Carlos Augusto, de quem sou discípula, e que dura muitos anos, décadas. Ele tem o jeito de fazer o geográfico dele e eu tenho o meu. Agora, a cultura do Carlos Augusto e a compreensão que tem... Ele fala em questão ambiental mas o ambiente dele não é o mesmo ambiental que se tem por aí. O ambiente do Carlos Augusto é o espaço geográfico visto sob a ótica de alguém que não faz a Geografia miltoniana e que ainda aceita o espaço como uma coisa ali, em cima do qual há dinâmica. O Prof. Carlos Augusto não é miltoniano. Mas eu acho que a questão ambiental é um falso problema para a Geografia. Ela existe como problema para a Geografia sob o olhar do uso do território pelas empresas. Então, é assim que eu vou estudar a questão ambiental. O ambiente não é o meu objeto, o meu objeto continua sendo o território usado que é sinônimo de espaço geográfico. Então, a metodologia que eu tenho de montar é essa. Eu, como geógrafa, não vou perder meu tempo... Eu posso como militante fazer a denúncia da poluição, isso é óbvio, ela existe, os rios estão deteriorados. Agora, quem vai me dizer que o rio está assim é um analista químico da água pois esse problema de analisar a poluição da água não é meu, é do químico; o meu é ver que implicações para a sociedade tem essa degradação e qual é o sujeito em que tenho de me concentrar no meu recorte metodológico para saber porque e como é que se dá esse dano ao rio pelo uso do território. Então, a postura metodológica é um pouco diferente. De qualquer modo, para mim, a questão ambiental, tal como ela é tratada usualmente, não é do domínio da ciência geográfica; ela existe sim, mas, é do domínio da ciência política, porque ela se presta à construção de um discurso político de combate ao capitalismo. Os cientistas políticos que deveriam fazê-lo, por sinal, não o fazem. É raro um cientista político embarcar na discussão ambiental. Quem embarca são os sociólogos de terceira grandeza, geógrafos de oitava grandeza... Gente que sabe das coisas usa isso como discurso político, não para fazer trabalhos científicos porque não se sustentam metodologicamente; na Geografia miltoniana não se sustenta, e, na outra, também não, é só sentar pra discutir. Tanto é que ninguém refutou o que eu falei. O Carlos Augusto escreveu isso mas continuou na dele, ele não olhou para mim e, cada vez que eu ligo, ele

me diz: — “não vamos falar de questão ambiental, nós vamos comer coxinha em Barão Geraldo [Campinas/SP]”.

10 - E. G.: Professora, mas se os processos de degradação e preservação são processos humanos e têm uma lógica, a senhora não acha que a Geografia deveria estudar essa lógica?

M. A.: É, mas os sujeitos da lógica são as empresas, ou a sociedade, mas o que o povo fica denunciando é o ambiente; — “olha, apodreceu”, e não sai dali. Eu não conheço nenhum estudo sério na Geografia focalizando os sujeitos da degradação ou os sujeitos da transformação da superfície e, quando vai fazer, faz estudo de declividade, faz umas coisas... que viram outro objeto; o objeto da Geografia mesmo se perde. E eu estudo a Geografia delineando, combinadamente, objeto e ação. Assim, se o objeto é um território usado que foi degradado pelo uso, eu vou estudar esse território, só que ele está assim em decorrência de um sistema de ação. Quem é o sujeito do sistema de ação? É a empresa; então eu vou querer discutir a empresa, não vou discutir o território degradado porque não adianta. Até porque, metodologicamente, o estudo pela consequência ou pela causalidade à dialética não interessa mais. A dialética quer entender os processos, não aquela relação da velha Geografia entre causa e efeito. Nem toda causa produz o efeito desejado, nem todo efeito tem a causa que você imaginava; isso dizem os epistemólogos. Então, é uma tolice isso aí. Eu acho que a questão ambiental não é o objeto de estudo da Geografia. O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico.

11 - E. G.: Em entrevista publicada na Revista Geosul, nº 35, em 2003, a senhora declarou que não era feminista. Poderia comentar sobre seu posicionamento? E como analisa a incorporação das abordagens de Gênero nos estudos acadêmicos e, particularmente, no campo de estudo da Geografia?

M. A.: Com todo respeito aos meus colegas que estudam Gênero, eu acho que isso é uma ficção científica, isso não é objeto da Geografia. Gênero pode ser objeto da Sexologia, da Genética... da Geografia não é; pelo amor de Deus! O espaço é uma totalidade e todos nós somos responsáveis por esse movimento da totalidade. Eu não sou feminista porque acho que a solução para os processos de desigualdade... há muitos, dos quais um, é o gênero; mas há outros até mais graves. Penso que a exploração do ser humano não é masculina ou feminina, a exploração do ser humano é a exploração do ser humano e ponto. E eu não considero que ela se supere através desses particularismos: das mulheres, dos negros, dos homossexuais; eu acho que isso retarda o processo de libertação. É uma impossibilidade que nós temos de ter um consenso sobre a libertação. Isso eu *dou de bandeja*, claro que é desigual, claro que é preconceituoso. Eu não vou estudar uma coisa que eu já sei. Historicamente, é conhecido, faz parte da realidade. O que adianta as mulheres superarem como mulheres a sua condição feminina? E daí, se as condições gerais da realidade do mundo, de desigualdades, não são superadas? Então, para que eu vou investir minha energia nisso?! Já sofri muito na minha vida por não ser feminista. E continuo não sendo, não participo dessas coisas, aliás, acho de um mau gosto... Geralmente é

mulher feia e mal resolvida que faz parte do movimento feminista. Acho que é uma perda de tempo porque o mundo é uma totalidade, o mundo não é constituído de uma justaposição de partes, o mundo é uma complexidade, uma coisa se mistura com a outra; tudo que é masculino também é feminino e tudo que é feminino é também masculino; então, eu não consigo entender essa coisa das mulheres, eu só acho que elas vão ficando feias...

12 - E. G.: Quem são então os sujeitos da transformação social?

M. A.: O grande sujeito da transformação social que já se opera são os homens lentos, os homens pobres e lentos do planeta que têm a sabedoria permanente da construção do amanhã. O mundo só não se acaba porque os homens pobres não deixam o mundo acabar. O mundo se acabaria se eles decidissem assim; não é porque os homens ricos decidem isso, de jeito nenhum. Até porque os homens pobres e lentos são maioria e têm a sabedoria da construção do amanhã, e, uma sabedoria um tanto maior, porque eles não sabem como vai ser esse amanhã. Eles não sabem se vai haver comida, eles não sabem se vão estar vivos, eles não sabem o que pode acontecer com eles amanhã; não é daqui a um mês, é amanhã; e eles sobrevivem! É uma lição de história, uma eterna lição de história. Agora, o que eu acho que há de novo é que esses homens pobres e lentos que sempre foram oprimidos e reprimidos para que os que estão por cima sobrevivessem, com a difusão da informação, eles, os homens lentos, estão acelerando uma compreensão sobre o mundo e estão tendo a possibilidade de acelerar os processos de resistência. Não é à toa que as ações dos movimentos sociais estão aumentando, crescendo, com todos os problemas das ONG's – isso faz parte – mas eu acho que é um processo que tende... não sei com que cara, quais os caminhos que eles acharão. Penso que se a Universidade não despertar para isso nós vamos ficar falando sozinhos, porque nós não vamos mais saber de que mundo nós estaremos falando, como já não sabemos. Eu fico muito triste quando ligo a televisão pra ver um debate sobre qualquer coisa - eu não sei se vocês têm esse mesmo sentimento, e olha que eu sou zero à esquerda, eu sou das gerais mas sou estudiosa, eu leio, procuro me manter informada, eu leio os textos, estudo e, sobretudo, penso, *trinta e oito horas por dia*; o professor Armen brinca muito comigo porque diz que eu sou repentista, para tudo eu tenho uma idéia! Claro, eu tenho obrigação de ter idéia, eu sou pensadora, não sou técnica. O mundo hoje, tristemente, está criando leitores de manuais. Fico pesarosa de ver os debates sobre a guerra do Iraque, não tem um geógrafo falando disso. O Demétrio Magnoli não é geógrafo, desculpe-me. Ele fala em nome da Geografia mas eu não dou a ele esta representatividade. Quem fala então? Ninguém fala. Nós temos obrigação de ter opinião sobre isso porque isso é uma questão territorial, na sua essência, espacial-geográfica e, nós, estamos perdendo terreno. O jornalismo é que está fazendo o papel da Geografia. E os jornalistas têm um péssimo curso de Geografia. Não há uma atualização dos conceitos e, conseqüentemente, eles não têm uma atualização de visão de mundo. Aí mistura-se o discurso ideológico com uma visão de mundo que o mundo não é; e ficam cansativas essas mesas redondas. Não sei se vocês têm visto essa coisa da Globo News, que, de vez em quando, entrevista um jornalista mais calejado e leva um bando de malucos lá pra falar... Agora, imaginem se eu digo na Rede Globo

que o futuro do mundo está sendo plantado pelos homens lentos e que nós estamos vivendo o período popular da história; eles não querem nem saber! Eu mando meus artigos para a terceira página da Folha de SP mas eles não publicam; porém, mesmo assim, eu mando.

13 - E. G.: Professora, tendo visitado Florianópolis em diversas ocasiões, como percebe a evolução urbana da cidade e, conseqüentemente, seus reflexos na região?

M. A.: Noutro dia eu subi no morro da televisão [Morro da Cruz] com o Ewerton; eu acho que isso aqui é o paraíso da especulação imobiliária; é um triste destino para uma cidade tão linda! Eu venho a Florianópolis há 36 anos – não é pouco, é mais que uma geração – e fico muito triste com o que vejo: o descaso, o desgoverno... Eu não sei o que fazem os prefeitos daqui. É como Campinas, não há governo. Você vê que país santo. O Rangel sempre dizia – eu até me emociono quando falo isso aí, [lágrimas] não consigo ser um cientista frio. Na última vez que estive com o Prof. Rangel – de quem tenho muita saudade – o Armen e eu fomos levá-lo ao hotel, lá em Moema. Eu estava muito deprimida, não sei o que tinha acontecido no Brasil e eu dizia: – “Prof. Rangel, onde é que nós vamos parar?” Acho que tinha sido a eleição do Collor, umas dessas tragédias. Eu dirigindo, ele ao meu lado, a mulher dele e o Armen; eu trocando receita de cuscuz com a mulher, misturado com as minhas angústias. Aí eu disse: – “Professor, o que vai ser do nosso país?” Ele acabara de fazer uma conferência e, com aquela vozinha fraca que tinha, disse-me uma coisa maravilhosa de que jamais me esqueço e, desde então, nunca mais me entristeci – tenho saudade dele e é por isso que me emociono. O Brasil perdeu muitos bons brasileiros nesses últimos 20 anos, e a gente não sabe a falta que eles fazem! Florestan, Milton, Rangel, que eram pilares, não deixavam a gente cair, titubear; e o Rangel me disse: “Maria Adélia, tome tento...” – com aquele jeitão dele – “o povo brasileiro é maior do que tudo isso; com esses desmandos de 500 anos, com esse solapamento do nosso país de 500 anos, com esse abuso das multinacionais, com os desgovernos, nós nunca tivemos governo, o povo brasileiro faz – na época – desse país a sétima economia do mundo! É o povo brasileiro que faz isso Adélia, tenha confiança, não precisa de governo, não precisa de nada não, o povo brasileiro fará o nosso país”. E eu me inspiro no Rangel. Agora, não consigo mais me abater, não há *mensalão* que me derrube, pelo contrário, eu consigo elogiar o governo do presidente Lula com tranqüilidade, porque eu aprendi a ler os processos. Acho que neste momento, com toda a corrupção, com a arrogância dos petistas, com a espinha dura deles e a falta de humildade, com a ladroagem em que eles se meteram, tudo é verdade... não há melhor agente, nesse momento da história, do que o Partido dos Trabalhadores e a sociedade brasileira será devedora ao presidente Lula e ao PT deste momento histórico, que tem implicado numas coisas muito benfazejas ao processo de avanço da história do nosso país. Não tenho dúvida disso; votarei no Presidente de novo... só se ele fizer uma plataforma de governo inadmissível, coisa que ele não poderá fazer, creio que não haja essa possibilidade. E o país avança. Eu faço o monitoramento da geografia eleitoral do Brasil e você vê que os partidos de centro e de centro esquerda avançam robustamente. Com esse *tucanato*

devasso, com as alianças todas que eles fazem, o país avança, significativamente. Então, eu sou muito otimista; eu faço análise geográfica, vejo como os partidos estão ganhando eleição no território brasileiro e, não tem como, a história não se repete; ela se repete diferentemente, assim, não é a mesma, ela avança.

14 - E. G.: A senhora defende a participação de geógrafos na construção de um projeto nacional brasileiro. Quais seriam as bases deste projeto e quais os principais pontos que deveriam ser levados em consideração?

M. A.: Primeiro, faltam geógrafos que se disponham e que se capacitem para discutir o projeto nacional brasileiro. Se fôssemos convocados hoje eu não sei em que encrenca nós nos meteríamos, porque não tem, são pouquíssimos. Então, é preciso formar essa gente. Basta você ver como é que anda a velha Geografia do Brasil nos cursos de Geografia por aí afora. Na USP, foi retirada de pauta porque era muito feio você fazer a Geografia do Brasil. Na UNICAMP, nós sugerimos e não há uma disciplina Geografia do Brasil. Nós pegamos a Geografia Agrária... a grande questão do território brasileiro é o mundo agrícola, não é mais a urbanização, a acumulação da riqueza no Brasil se dá pela agricultura e não mais pelo urbano. Então nós criamos uma disciplina que se chama "Uso Agrícola do Território Brasileiro", que é a disciplina central para se conhecer o Brasil, porque a agricultura hoje vive do urbano e vice-versa; é um problema de conceito. Então, eu acho que a Geografia deveria se preparar para esta missão, realizar uma bela revisão e começar a formular questões e teses sobre o Brasil. As teses nossas voltaram a ser de um particularismo... Não há nenhum problema se esse particularismo tiver uma teoria maior por trás; no entanto, quando é um particularismo descritivo, você só olha essa piscina e não consegue ver mais nada além da piscina, se você começa a descrever... Agora, se você quiser fazer uma teoria da piscina você vai ver todas as piscinas do mundo, inclusive essa; então é uma postura de método. Quais são os ingredientes? Acho que um profundo conhecimento sobre como discutir o processo histórico do Brasil a partir da leitura do território ou, melhor dizendo: como, a partir do fazer geográfico, nós elaboramos a realidade do território brasileiro hoje, o qual, para mim, é caracterizado por um perverso, acentuado e progressivo processo de desigualdade escancarado pelas paisagens. Agora, eu não posso descrever a paisagem porque a política não é descritiva, a política é ativa. Então, a Geografia miltoniana tem mais essa vantagem, porque ela é uma Geografia ativa, é uma seqüência da Geografia do George. Quando Pierre George, nos anos 60, escreveu "A Geografia Ativa", ele queria dizer isso: o conhecimento geográfico tem uma possibilidade de ajudar a política. Dessa forma, como você entra com uma roda andando tendo nela uma coisa parada?! Não pode, você tem de entrar na roda e rodar com ela. Eu acho que esse preparo nós não temos: o conhecimento do uso do território brasileiro, em todas as suas escalas, mas o conhecimento refinado, acompanhado de um processo de compreensão, porque há coisas no território brasileiro que não se explicam. Não se explica a injustiça, que eu chamo de injustiça sócio-espacial; como é que você vai explicar Sem-Teto? Constitui a paisagem. Como é que você vai explicar Sem-Terra, que fazem parte da paisagem? O acampamento dos Sem-Terra faz parte da paisagem e do

uso do território brasileiro; você não explica, você tenta compreender e, ao compreender, você pode formular diretrizes de política, e, portanto, você pode trabalhar para os governos. Mas eu pergunto: quantos geógrafos existem em cargos de destaque do governo, de mando? Nenhum, aqui. Mas, em outros cantos do mundo, nós temos muitos geógrafos presidentes da república, primeiro-ministro, ministro... significando que a nossa disciplina não é inútil. E a Geografia tem no seu bojo uma possibilidade de disputa pelo poder, sim. Se até a arquitetura, que lida com cômodos, com ambientes, tem um fantástico esquema de poder... Nós temos arquitetos aqui que foram prefeitos, muitos, governadores. O melhor prefeito de Roma foi arquiteto, o Júlio Argan. Nós temos arquitetos que foram prefeitos de São Francisco, arquitetos presidentes da república... Nós tivemos um geógrafo que foi presidente da Tanzânia, por aí vai... Isso faz parte do projeto da Geografia Brasileira mas a gente não discute isso na Associação dos Geógrafos. No que se transformou a AGB, que deveria ser o grande fórum para isso? Virou uma molecagem e um espaço de manipulação de um grupo que se mantém no poder há décadas, que detém o poder na AGB desde 1978, quando Milton, do meu ponto de vista cometeu um equívoco. Discuti isto com ele algumas vezes e ele concordava com muitas das minhas ponderações. Hoje, você tem uma molecada, sem nenhuma formação geográfica, dizendo como deve ser a AGB. Eu estou desfilada da AGB, não pago um tostão para alguém fazer proselitismo com os meus Reais, mas de jeito nenhum! A gente não discute essas coisas; eu sempre mando meus alunos na AGB para me informar. Vejam o temário da próxima Reunião da AGB, é uma vergonha! Eu não indico para os meus colegas do exterior nem que olhem o site da AGB, eu digo que tiraram do ar.

15 - E. G.: Como não podemos nos dissociar dos acontecimentos do mundo, gostaríamos de que comentasse a questão da soberania nacional que está sendo retomada por Evo Morales, Hugo Chaves e Fidel Castro, na Bolívia, Venezuela e em Cuba, respectivamente.

M. A.: São grandes presidentes. Vocês viram uma informação circulando na internet, dizendo que o Lula, o Evo Morales e o Presidente Hugo Chaves são agentes da CIA? A direita tem dessas coisas. Eu acho uma beleza o que está acontecendo na América Latina. Nós não vamos passar por tempos fáceis aqui por duas razões: a primeira, porque nós sempre fomos colônia americana, e continuamos a ser, e eles têm o domínio da América, ou, pretendem ter. Noutro dia eu vi na Folha de SP um mapa de localização de todas as bases americanas no continente latino-americano e fiquei impressionada. Há um cerco ao Brasil; o Brasil é o grande império da América Latina, tristemente, a gente tem de reconhecer. Dentro do Brasil não existem mas os outros países todos têm duas, três bases americanas e, curiosamente, na fronteira com o Brasil. É claro que a nossa soberania está ferida, não pela ocupação militar americana mas pela ocupação das empresas; nossa soberania fracassou faz tempo. Naquele texto que eu peço para vocês lerem do Milton [?], a ação das empresas fere rigorosamente a soberania e a ação dos cientistas. O oportunismo da Inteligência brasileira e da Academia brasileira mal formada está se prestando a fazer associações com ONG's, ou com cientistas e com empresas a serviço do grande capital, no território brasileiro. Na Amazônia há muito. Nós temos colegas que têm

empresas e estão sendo processados porque exportaram, venderam elementos da biodiversidade. Noutro dia eu fui procurada por um senhor, colega meu dos velhos tempos de Geografia: — “Ô Maria Adélia, você é conhecida no Brasil inteiro, foi alta executiva pública... você não quer se associar? Eu agora vou ganhar dinheiro vendendo cotas de carbono, está dando um dinheirão!”...: — “E quem disse a você que eu quero ganhar dinheiro, rapaz?”. São os caminhos do mundo e, cada vez mais, a prática é política. Nós vamos ter de nos posicionar, de nos manifestarmos sobre isso, porque é nesses processos que a soberania brasileira despedaça-se. E eu pergunto: será que os geógrafos brasileiros estão preparados para isso? Eu voltei a estudar Geografia do Brasil. O primeiro projeto que montei foi em 1990; a partir de então tenho produzido doutorados, mestrados, nessa perspectiva de entender a Geografia do Brasil. O Márcio Cataia e o Ricardo Castilho, que foram orientandos meus e que hoje estão na Unicamp, felizmente, estão seguindo a mesma trilha, de modo que a gente possa se preparar num grupo mínimo para poder discutir o Brasil, voltar a discutir a velha Geografia brasileira. É esse conhecimento que nos dará cancha, numa equipe interdisciplinar, com os economistas, os sociólogos, cientistas políticos, marqueteiros, etc., para discutir o projeto brasileiro. Mas os geógrafos não estão nem perto disso. Os economistas ainda não sentem a necessidade de nos ter por perto. Do Carlos Lessa, que é um colega ao qual tenho acesso, pude ver a exposição sobre o Programa que está fazendo para o PMDB, e eu disse a ele: — “Esse seu projeto, você me desculpe, *troca seis por meia dúzia*; você fala do Brasil como se fosse uma abstração ou uma totalidade. O que é aumentar ou diminuir a taxa de juros? Que implicações isso vai ter na sociedade brasileira territorializada? Porque o Brasil não é São Paulo, ou o eixo Rio/SP, que é quem vibra com a questão da taxa de juro. O que adianta para alguém que mora no sul do Amazonas ou no interior do Ceará o aumento e diminuição da taxa de juro? Na periferia de Sobral? Nada. Então eu vou ignorar essas pessoas? Eu estou dizendo diretamente, é claro. Se você diminuir a taxa de juro você mexe no preço das mercadorias, você atua no mercado... mas esses brasileiros são quase 50 milhões e estão fora do mundo do mercado. Como você cuida deles? E eles têm um lugar de existência concreto. O território escancara isso se você mapear com as variáveis. Do mesmo jeito que eles fazem aqueles gráficos, aquelas curvas etc., nós fazemos mapas. O mapa é a nossa linguagem analítica”. Aí ele ficou bem calado, — “cadê seu cartão”... Eu não estou pedindo emprego, aliás, eu disponibilizo meus mapas de graça no meu site porque eu faço com dinheiro público. E agora pretendo disponibilizar um Atlas sobre o sistema de justiça no Brasil que mostra toda a corrupção do sistema. Mostra, por exemplo, que uma reforma de cadeia no Acre custa R\$ 2 milhões e, em SP, a mesma cadeia, com a mesma metragem, custa R\$ 60 mil. Alguma coisa está errada. Lá devia custar mais barato porque a mão-de-obra lá é mais barata. Então, é o meu jeitinho de fazer política *no meu quintal*. Mas eu acho que nós deveríamos, nas nossas reuniões de comunidade científica, levantar essas questões. Eu não vejo a AGB levantar nenhuma questão interessante. A última, que foi sobre o trabalho, eu achei deplorável, porque, não se estuda o espaço geográfico com o trabalho? Senão vira uma temática de economista, de sociologia do trabalho e eles não enfrentam a nossa epistemologia. Isso eu acho que só nos enfraquece e nos empobrece. Não foi essa a luta do Milton. Eu aprendi a fazer essa luta com o

Milton, cotidianamente. Estive ao lado dele por 33 anos, não foi um dia. Não fui aluna dele, eu fui parceira e interlocutora da obra de Milton. “A Natureza do Espaço” eu o vi fazê-la inteirinha, discutindo. Tive o privilégio de ele me dar os textos para ler. Todo *santo* dia nós íamos e vínhamos juntos, subíamos e descíamos a rampa [da Universidade] juntos. É um pensamento de que fui uma interlocutora privilegiada, ajudei mesmo a fazer. É uma pena que não seja levado a sério.

16 - E. G.: Professora, nós agradecemos imensamente a sua gentileza e se a senhora quiser fazer mais algum comentário, fique à vontade.

M. A.: Só queria dizer que eu torço a cada dia para que o Brasil não deixe a sua importante Geografia morrer, eu temo por isso. Eu sempre digo: “Adélia, quem vai mal não é a Geografia, são os geógrafos”. Será uma pena se o fazer geográfico sair das mãos dos geógrafos. Os geógrafos já perderam muitos trens. Perderam o trem do planejamento territorial, que foi feito pelos arquitetos, e agora estão perdendo o trem do território, que está sendo feito por quase todo mundo, até pelos psicólogos. E os geógrafos continuam sem saber o que é isso. Eu espero que os jovens briguem para ter bons cursos e bons professores de Geografia, para que se interessem por conhecer sua disciplina e que lutem para que esta cumpra o seu papel social que é ajudar a construção da cidadania, da justiça sócio-espacial – a justiça não é só social, ela é social e espacial – no combate ao abuso da soberania nacional. Isto faz-se com textos, faz-se com teses e faz-se com aulas. A prática política não é só dentro dos Partidos. Eu acho que um bom ensino é a maior contribuição política que a gente pode dar para a formação da nação. O bom ensino não é a construção de ideologias mas o transmitir tudo o que já se tem, criticar e fazer avançar. Tomara que eu não morra antes de ver a Geografia brasileira no lugar que ela tem no mundo inteiro, mas, que não tem aqui no concerto das ciências humanas. Alguns geógrafos são solicitados. Eu sou solicitadíssima mas eles não se interessam pela Geografia e sim pela Maria Adélia, e pelo talento da Maria Adélia. Eu gostaria de que se interessassem pela Geografia. Eu adoraria transmitir a minha disciplina, eu, sozinha, não sou nada. É isso. Mas eu fico muito feliz de vocês me darem esta oportunidade de dizer um pouquinho o que eu penso sobre os processos, sobre essa fantástica disciplina que ajuda o homem a compreender a sua existência. Muito obrigada.